



# VOZ DA FÁTIMA

No começo deste novo ano, fazemos nossos os votos do Nuncio Apostólico de Lisboa:

«Que o ano de 1976 tenha os esplendores de mais uma aurora, em que todos os Portugueses se sintam irmanados em uma serena luta comum por um futuro melhor.»

Director: Padre Joaquim Domingues Gaspar  
Propriedade e impressão: «Gráfica de Leiria» — Telefone 22336  
Redacção e Administração: Santuário da FÁTIMA — Telefone 049 97182

ANO LIV N.º 640  
13 DE JANEIRO DE 1976  
PUBLICAÇÃO MENSAL

Avença

## Instantâneos duma viagem ao leste comunista

**V**ISITEI recentemente a Polónia e a Jugoslávia. Trata-se de dois países que se dizem socialistas a caminho do comunismo, e que nós apelidamos simplesmente de comunistas, entendendo com isso um regime que pretende impor o socialismo à força, e mesmo (se olharmos para os seus princípios) a ferro e fogo. Aparte esta característica fundamental em que se identificam, a Polónia e a Jugoslávia têm entre si diferenças consideráveis, enquanto a segunda se não deixou enfeudar à Rússia, ao passo que a Polónia é o seu maior satélite. A Jugoslávia tem vinte milhões de habitantes, enquanto os da Polónia são trinta e cinco.

Era minha intenção passar também, embora rapidamente, pela Hungria e a Checoslováquia. Na primeira não pude entrar, embora tenha chegado com esperanças disso até à fronteira, dado que em Lisboa me tinham concedido o passaporte. Prefiro omitir aqui as razões por que não pude entrar. Quanto à Checoslováquia, fui informado, com suficiente clareza, de que, por ser sacerdote, não permitiam a minha entrada no país. Já em Viena da Áustria, alguns colegas confirmariam que é essa a prática intransigente quer para sacerdotes, quer para jornalistas e diplomatas. Aliás é consenso geral que a situação na Checoslováquia é a mais rígida de todos os países que pertencem ao bloco soviético (Pacto de Varsóvia), o que aliás se compreende, se percebermos que a Rússia há-de fazer tudo para que se não venham a repetir situações como aquela que a «obrigaram» a ciliar Praga, capital da Checoslováquia, com os seus pesados tanques de guerra, em 1968 (e depois de ter feito o mesmo a Budapeste, em 1956). Entretanto, de Viena parte todos os dias, para Varsóvia, um comboio que tem necessariamente de atravessar a Checoslováquia; as autoridades deste país permitem então que os turistas passem, de noite, pelo seu território, à ida e à volta, sem saírem do comboio e a troco de umas valentes centenas de escudos (que eles fazem pagar nalguma das moedas fortes ocidentais). Deixo para o próximo número da Voz da Fátima o único «instantâneo» que pude colher quando, de regresso a Viena da Áustria, atravessávamos a fronteira, às três e meia da manhã.

Seja qual for o juízo que a História venha a fazer do Comunismo quando ele desaparecer (penso que ele desaparecerá) uma coisa tem que afirmar: é que o comunismo foi um fenómeno social muito importante. Foi este fenómeno que procurei descobrir mais de perto.

Claro que, estando em países longínquos, haveria de aproveitar para ver outras coisas. E antes de mais o Povo. Com o seu temperamento, a sua História, as suas glórias. Quem não chega a amar um povo que visita, não chega a perceber nada de nada. Na realidade, ficou-me um grande desejo de voltar, sobretudo à Polónia. Quando no último dia, depois de uma manhã acabrunhante passada no Campo de Exterminação de Auschwitz, cheguei a Cracóvia já quase lusco-fusco (quatro e quê da tarde) e subi, de noite, à cidadela da Catedral, e me surpreendi lá em baixo, na margem do Vístula, com o fogo que um legendário dragão vomita furiosamente contra os «assaltantes» da fortaleza, passou-me pelo coração a saudade da Polónia ainda antes de ter deixado o país. E portanto, se as autoridades não ficarem zangadas com os meus instantâneos e a ocasião se proporcionar, ainda hei-de voltar a Cracóvia para durante alguns dias comungar com a alma desse povo irmão, de tão arreigada fé cristã, cuja hospitalidade, carinho e calor humanos foram tão intensos nesses dias, que quase me chegaram a intrigar.

Passo então a dizer as três grandes convicções que trouxe de lá (dos dois países) bastante mais arreigadas.

A primeira é que os regimes comunistas são na realidade ATEUS, E ATEUS MILITANTES. Quer dizer, antes de mais, que estão profundamente convencidos de que Deus não existe, de que tudo o que é religião pertence ao campo do mito, de que a religião organizada ou é superstição ou é exploração e de que, numa época em que os homens podem e devem colocar todas as suas esperanças na ciência, não têm razão de ser nem as igrejas, nem os sacerdotes, nem os ritos religiosos. Os homens que detêm o poder continuam a afirmar que estas realidades actuais desaparecerão amanhã da paisagem humana e que o melhor serviço que se pode prestar às «vítimas» de tal atraso é fazer o possível por acelerar a queda das «ilusões» e o abate dos «exploradores». Por isso os comunistas só não são hoje tão implacáveis para com a religião porque simplesmente não podem; e não podem porque a experiência lhes demonstrou que as forças religiosas são muito profundas no coração do homem e o tacto político os aconselha a recorrer a fazerem-se diplomatas ou mesmo hipócritas para levarem a sua água ao moinho. Diplomatas ou hipócritas; mas hipócritas é o termo que melhor convém. Escrevo-o com mágoa, mas muito pensadamente: em matéria de religião, aos comunistas é preciso entendê-los sempre ao contrário do que dizem.

### QUE INSTANTÂNEOS SERÃO ESTES?

É impossível, numa curta viagem, sair-se com uma ideia exacta de um país, por mais pequeno que seja. O turista desprevenido — e são-no quase todos — chega a cometer erros e injustiças muito graves pela tendência de generalizar os casos concretos que se lhe apresentam. Procurei evitar a tentação. E posso declarar aos leitores que me moveu, durante toda esta viagem, um grande desejo de conhecer a verdade, nua e crua. Diz-nos o Senhor que Ele é a Verdade. Esta afirmação deveria dar àqueles que acreditam nele um grande coração aberto a todas as realidades, venham elas donde vierem, desde que aquele que para elas se abre acabe por crescer no conhecimento da Verdade e não se deixe embulhar e desorientar em quaisquer jogos de contradições. Assim, fiz quanto pude para olhar com olhos de irmão para tudo e todos que encontrei na minha viagem; de facto já tinha intenção de publicar o material das minhas observações e não queria cometer qualquer pecado de «mau olhado» sobre os nossos irmãos comunistas (como também não, claro está, sobre os irmãos que nesses países resistem ao comunismo). Devo esclarecer, a propósito, que nestas duas semanas de «abertura ao Leste», só me encontrei com católicos praticantes, vários dos quais sacerdotes. Não li praticamente nada — até porque nada consegui ler dessas línguas eslavas (e outras que se falam na Jugoslávia); e tive que servir-me quase sempre de uma língua estrangeira a eles e a nós, o que limitou muito a compreensão mútua. Daí que os meus «instantâneos» venham a ser uns retalhos muito retalhados de uma espécie de manta cujas «cores» virão certamente da Polónia e da Jugoslávia, mas que nem serão muito definidas nem esgotarão (longe disso!) toda a variedade de aspectos que podem

descobrir-se em duas nações. Tanto mais que nem sempre as informações colhidas eram seguras, como depreendi de algumas contradições e discordâncias entre os meus entrevistados. As pessoas que a gente interroga também têm os seus defeitos, e um deles é «atreverem-se» a responder pelo «mais ou menos» ou responder mesmo «qualquer coisa», quando são colocadas diante de uma pergunta cuja resposta desconhecem. Todos sentimos em Portugal, nos últimos tempos, como a política perturba o olhar das pessoas e as leva a atropelar a verdade; antes escondia-a, agora atropela-a. Ora os cristãos não estão isentos desse perigo, dessa tentação e desse atropelo. Por isso procurei que os meus «instantâneos» aparecessem o mais possível despidos dos meus próprios pontos de vista. E vou deixá-los ao leitor na «nudez» em que os consegui fixar, geralmente no mesmo dia em que se me apresentaram. Os leitores aproveitará-os-ão como quiserem.

### TRÊS GRANDES CONVICÇÕES

Pensando que, com a advertência feita, não haverá perigo de influenciar demasiado os leitores, vou deixar já as três grandes convicções que trouxe, reforçadas, da Polónia e da Jugoslávia. Digo que as trouxe reforçadas, porque não fui para lá em branco. Quando a gente se interessa naturalmente por determinada situação humana, é impossível não ir colhendo dados ao longo da vida que lhe permitam formular ideias-chave ou convicções. O que eu queria ver nos dois países visitados era o COMUNISMO.

# ESTRANHO EFEITO DA MILITÂNCIA CATÓLICA

Disse o sr. Bispo do Porto, na sua homilia da Festa de Cristo-Rei:

«Antes de mais, devemos interrogar-nos sincera e corajosamente sobre a possibilidade efectiva dum estranho efeito da militância católica, que os factos presentes parecem claramente denunciar. É ou não é verdade que muitos daqueles que, na juventude, se empenham pelo Evangelho, padres e ex-padres, militantes e ex-militantes, se fazem hoje notar pelas suas opções políticas de radicalismo e extremismo? Radicalismo e extremismo marcados demais pela sua estreiteza de vistas, absolutização do político contra o humano, sectarismo grupuscular, tantas vezes, acrescido pois da sua irresponsabilidade, angelismo, seguidismo, jogados habitualmente entre um inocentismo sem pecado original e um maniqueísmo em que tudo é pecado, menos evidentemente na nossa pessoa e nas nossas intenções? E, se isto é verdade, de tantos e tantos militantes, porque será? ... Evidentemente muito podíamos atribuir às tentações do presente momento português.»

E insiste, traduzindo estas interrogações pela seguinte: «Será que a militância católica, por si mesma ou pela forma como é feita, leva à perda do bom senso político e do sentido de mensura na acção social, esse bom senso e sentido de mensura de que o nosso povo tem dado tão extraordinárias provas?!...»

São palavras de reflexão estas, pronunciadas num momento em que a sociedade portuguesa atravessa uma grave crise. Os ódios, as violências, as lutas partidárias, o alinhar por uma classe contra outras, o anarquismo e vandalismo de certos grupelhos — tudo isto chegou ao cúmulo de um golpe militar para destruir as últimas resistências da dignidade do País.

Agora que parece triunfar o equilíbrio e o bom senso, são oportunas as palavras do Sr. D. António F. Gomes. Até que ponto alguns militantes católicos têm dado cobertura e apoio a este estado de coisas, com a ingenuidade das suas atitudes, embora porventura tomadas na boa fé — é um ponto para reflectir. Não basta pôr em prática ideias que nos parecem claras. É necessário confrontá-las com o Evangelho e a doutrina da Igreja. Tal confrontação tem de ser feita com a humildade do discípulo de Cristo. Doutra modo, o Evangelho será naturalmente manipulado, ao gosto

das ideias a que presunçosamente nos agarramos.

Se a Igreja é por natureza missionária e portanto militante nem toda a militância a serve e a constrói, como aquela que o Sr. Bispo do Porto põe em causa. Por mais que custe às intenções subjectivamente boas de alguns, temos de afirmar que existem certas militâncias mais aptas a destruir a Igreja do que a construí-la.

Há depois um outro aspecto a considerar e é o da necessidade de um jornalismo mais esclarecido, capaz de desfazer todo o erro, toda a falsidade, toda a mentira. Dizem-se barbaridades, fazem-se passar fantasias por reflexões de alta cultura, e interrogamo-nos: onde está a elite pensante deste povo, que é católico na sua esmagadora maioria e que, em consequên-

cia, tem ou deve ter a sua elite pensante? Ele, povo, tem dado tantas provas de bom senso; mas não lhe compete formular o seu pensar a nível superior. Isso pertence aos intelectuais cristãos.

Caímos num estado de espírito de ambiguidade e dúvida, que paralisa todas as energias. As pessoas ouvem afirmações e verificam atitudes de puro vandalismo no pensamento e na acção. Mas não se mexem, tolhidas pelo estupor. Olham à sua volta, reflectem sobre si mesmas, como quem indaga: estarão erradas as certezas em que sempre acreditei, que a minha consciência sempre aprovou e o Evangelho, a Tradição da Igreja e o bom senso do povo cristão sempre acreditaram? Ou será que a violência, o ódio, a anarquia, enfim a lei da selva, vão ser agora o Sto. Evangelho que nos há-de salvar?

Decerto que os tempos que vivemos nos pedem reflexão e coragem, para distinguir o trigo do joio, a verdade do erro, e para uma acção esclarecida e decidida. Não podemos navegar mais na aliança do «sim» e do «não».

E.

## MEIOS DE DEBELAR O ABORTO

OS Estados Unidos, como alguns outros países, também aceitaram a liberalização do aborto. Foi uma luta tenaz, em que forças pró e contra se digladiaram acabando por vencer as favoráveis ao aborto com a aprovação deste pela Corte Suprema, em 1973.

As consequências que daí vieram comprovam as razões de todos aqueles que se opõem à liberalização do aborto. Aprovado este para que as pessoas não corressem perigo na sua saúde, através da assistência pública, e assim se desdramatizasse a situação daquelas mães que por motivos vários se encontram em pavor perante a perspectiva da sua maternidade, esperava-se uma diminuição no número de abortos, que ficariam reduzidos a poucos casos de excepção.

Mas não. O número de abortos tinha sido em 1970 de 200.000. Subiu depois para 500.000 em 1971. Atingiu 600.000 em 1973, ano da aprovação legal de tal prática, e triplicou no ano seguinte, 1974, com a espantosa cifra de 1.800.000 abortos. A lei aprovada em nada melhorou a situação; antes, a agravou.

Perante isto, os opositores ao aborto não se deram por vencidos com a aprovação legal deste. Continuaram os seus esforços, agora pretendendo a revisão da lei constitucional com uma emenda que garanta a todo o ser humano o direito à vida, desde o momento da concepção. A luta trava-se, pois, no campo jurídico, movimentando estudiosos e juristas, que se debruçam sobre o assunto em todo o país.

O mais interessante, porém, é o esforço que a Igreja faz para criar uma mentalidade esclarecida e consciente sobre os valores em causa. São numerosas organizações confessionais, interconfessionais e não confessionais, a darem-se as mãos com os objectivos seguintes: educação do público a respeito do valor da vida desde o primeiro instante da sua concepção; promoção de disposições legais, a nível local e até constitucional, favoráveis ao respeito pela vida; defesa da liberdade de consciência do pessoal dos hospitais, quanto à participação em práticas abortivas.

O Episcopado católico mobilizou a Comissão para a defesa da vida, que iniciou uma vasta campanha a este respeito, através de reuniões,

manifestações de oração, marchas contra o aborto, conferências, etc.. As organizações católicas, sobretudo as mais ligadas à Conferência Episcopal, as de carácter hospitalar, a Federação Nacional dos Conselhos Presbiterais, os Cavaleiros de S. Pedro Claver e os Cavaleiros de Colombo, estas organizações estão empenhadas no mesmo objectivo. Por outro lado, os protestantes dão a sua colaboração, através das suas organizações. Outras associações interconfessionais ou de carácter independente, como a dos advogados, dão igualmente o seu contributo. Diapositivos, acompanhados de «cassettes» registadas; artigos nos jornais e em revistas, programas na rádio e na televisão — tudo isto foi posto em acção, no sentido de criar mentalidade esclarecida sobre a vida. Intensificou-se também a assistência às mães em dificuldade.

Deste modo, a Igreja nos Estados Unidos dá-nos um exemplo de como se actua para resolver problemas, que exigem antes de mais o esclarecimento e a formação da consciência. Assim, os cristãos em Portugal possam ter um dinamismo e uma clarividência semelhantes.

S. L.

## VIDA DO SANTUÁRIO

### BISPO DO PARAGUAI

Quase durante oito dias esteve na Fátima D. João Moleau Andreus, bispo castrense do Paraguai. Durante a sua permanência celebrou missa na capela das aparições e visitou os locais relacionados com a história da Fátima.

### 49 GRUPOS DE PEREGRINOS DAS FILIPINAS ESTIVERAM NA FÁTIMA DURANTE O ANO

Passou pelo Santuário da Fátima mais um grupo de peregrinos das Filipinas, que regressava de Roma, das solenidades do Ano Santo.

Durante este ano, os Serviços de Acolhimento e Informações do Santuário contactaram 49 grupos das Filipinas, com o total de cerca de 2.000 pessoas. Foi o País que trouxe mais peregrinos à Fátima durante o ano. — S. I. S.

## «ANO SANTO»

A publicação do boletim «Ano Santo» está a chegar ao fim, pois falta apenas um número para sair, conforme foi anunciado, logo no começo da publicação.

A maior parte dos assinantes já pagaram a sua assinatura, mas muitos há que ainda o não fizeram, certamente por esquecimento ou falta de oportunidade. As despesas estão feitas e são muitas. Lembramos, por isso, àqueles que ainda não satisfizeram a importância do seu custo a conveniência de o fazerem, o mais depressa possível. É de 25500 o custo da assinatura do «Ano Santo» — sem a Voz da Fátima — desde Outubro/73 até ao fim da publicação.

Muito obrigado a todos os que atenderem a este aviso.

# Uma história de vez em quando

## « Uma vida doada aos irmãos »

*É bellissima a vida de D. João Cassaigne, bispo missionário do Vietname. Recolhi-a dum jornal missionário e julgo que a sua leitura também te fará bem a ti. Lê-a com atenção:*

Nascido em Grenade, nos Landes, terra de S. Vicente de Paulo, João Cassaigne teve uma juventude vigorosa, desportiva e turbulenta. Não gostava do ofício do pai que era comerciante de vinhos. Um dia, não se sabe porquê, João Cassaigne derrubou um barril espalhando o vinho pela rua. Furioso, o pai disse frases impensadas como «vai para o diabo», para terminar com esta advertência: «Tu não serves para nada, mesmo para nada, a não ser, talvez, para padre!»

O rapaz tomou a palavra do pai à letra. Alguns anos mais tarde, entrou para as Missões Estrangeiras de Paris, com a idade de 25 anos. Seis anos depois, em 1926, foi nomeado para a missão dos planaltos do Vietname.

Pouco depois da chegada, descobriu uma leprosa cujas chagas horrorosas a tinham levado a afastar-se para a floresta onde levava vida de uma morta-viva. Ajudou-a a sobreviver e a morrer. Foi assim que a ideia duma leprosaria lhe germinou no espírito. Seu pai, posto ao corrente do que se passava,

vendeu alguns bens para o ajudar a construir a aldeia dos leprosos que o P.<sup>e</sup> João Cassaigne quis baptizar com o título de «Cidade da Alegria». Sobreveio a guerra.

Estava o marechal Lattre de Tassigny moribundo, no hospital, quando deu ordem para telegrafar, em 1952, ao comandante das tropas francesas dos Planaltos nestes termos: «Peço que se faça tudo o que é humanamente possível para salvar a leprosaria de Djiring, obra francesa dos Planaltos». Foi o seu último acto.

Muitos se interessaram por esta leprosaria. Diversas ofertas vietnamitas, francesas, americanas e alemãs permitiram desenvolver a obra, que, em 1971, contava mais de 500 leprosos.

Entretanto, o P.<sup>e</sup> Cassaigne era nomeado bispo de Saigão onde ficou de 1941 a 1955, data em que a sua demissão foi aceite. Voltou para junto dos leprosos de Djiring onde morreu. Ao P. Trivière que o interrogava ele disse: «Podes afirmar que viste um homem feliz?».

O governo vietnamita quis homenagear D. João Cassaigne galardoando-o com o título de oficial da Ordem Nacional do Vietname. A 12 de Abril de 1972, o Vice-Presidente da República enviava junto de D. Cassaigne, à aldeia dos le-

prosos, dois personagens, o juiz Nguyen Thach Van e o general Nguyen Van Hieu para lhe entregarem esta alta distinção.

No discurso então proferido, entre outras coisas, dizia-se:

«Apóstolo da caridade, D. João Cassaigne preocupou-se desde a sua chegada ao Vietname, em 1926, com o serviço dos pobres e a ajuda material e moral às populações montanhesas.

Tendo pena sobretudo dos leprosos abandonados e da sua sorte, ele fundou, patrocinou e dirigiu uma aldeia especial, em Djiring, província de Lam-Dong, onde, após mais de 10 anos, milhares de leprosos receberam, a par da ajuda material e dos cuidados médicos, todo o conforto moral e espiritual.

Nomeado bispo de Saigão, durante quinze anos, o eminente prelado, no exercício das suas funções pastorais, estimulou as obras de caridade, organizou obras de auxílio aos pobres, aos sinistrados, aos refugiados, sem discriminação de raça ou de religião ao longo de todo este período carregado de acontecimentos. Em 1955, voltou para o meio dos seus leprosos, retomando o trabalho de bom samaritano.

Pelos seus méritos, pelo seu exemplo e pela sua magnanimidade, D. Cassaigne tornou-se digno da admiração e da gratidão do povo vietnamita.»

Esta admiração e gratidão foi publicamente manifestada quando do seu fu-

neral. Os montanhese, a população vietnamita, as autoridades civis e religiosas associaram-se para celebrar os seus funerais que bem podemos dizer foram a nível nacional. Não obstante a chuva que caiu todo o dia, uma multidão de 3.000 pessoas, na sua maior parte vestida de luto, com laço branco na frente, rodeava os representantes do governo, o embaixador da França, as autoridades civis e militares locais participando na missa do funeral concelebrada por dois arcebispos e bispos do país e alguns 70 padres entre os quais o superior regional das Missões Estrangeiras de Paris a que o defunto pertencia. A honra de transportar o caixão coube aos montanhese *Kôhó* que fizeram segundo o seu rito antigo, acompanhando-o ao som da própria música.

Um escultor vietnamita levantou um monumento à glória do bispo leproso, apóstolo dos leprosos, querendo perpetuar assim a sua memória.

## Acaba de aparecer

### Historial da Medalha

Durante a Exposição da Medalha efectuada neste Santuário, de Agosto a Outubro do ano passado, surgiu o interesse de se editar um livro-album com o título «HISTORIAL DA MEDALHA COMEMORATIVA RELIGIOSA», para assinalar objectivamente a ocorrência em Portugal do Ano Santo - 1975.

Dada, porém, a amplitude do interesse despertado, chegado até nós através de colecionadores, escultores e muitas outras pessoas relacionadas com este tema, e, até mesmo, do público anónimo, que em número de 54 MIL pessoas durante aqueles meses visitaram a Exposição da Medalha, decidimos editar um LIVRO com 241 páginas de texto ilustrado com 4 CENTENAS de reproduções das mais belas medalhas cunhadas nos últimos 300 ANOS, sobre temas portugueses, algumas das quais impressas em extratextos nas cores naturais.

Para vincar melhor o interesse desta obra de investigação, salientamos os capítulos em que se divide o «Historial da Medalha Comemorativa»: 1 — «O Homem antes de Cristo» (13 reproduções); 2 — «Jesus Cristo» (36 reproduções); 3 — «Maria» (35 reproduções); 4 — «Maria em Fátima» (44 reproduções); 5 — «Portugal Cristão» (127 reproduções); 6 — «Apóstolos, Santos, Peregrinos e Pecadores» (141 reproduções); 7 — Ano Santo (18 reproduções).

Assim, este livro apresenta 414 reproduções das peças mais representativas da medalhística nacional, num desfile de obras de Arte que representam verdadeiramente autênticas reportagens em bronze sobre acontecimentos e comemorações inesquecíveis da história da Igreja e de Portugal.

O arranjo gráfico e o material empregado nesta edição são de excelente qualidade, o que torna este volume uma peça bibliográfica de interesse tanto para o leitor especializado e erudito, como para o estudioso que pretende iniciar um novo ramo de conhecimento.

O leitor, se não encontrar esta obra na sua livraria habitual, poderá fazer o pedido, directamente, para a LIVRARIA DO SANTUÁRIO (Fátima), acompanhado dum cheque ou vale do correio de 300\$00, e receberá com brevidade um exemplar da edição vulgar.

Além da edição vulgar, encontra-se à venda uma edição especial, numerada e rubricada pelos autores, cujos exemplares poderão ser adquiridos ao preço de 350\$00.

Alguns poucos exemplares numerados do «Historial da Medalha» destinam-se especialmente a bibliófilos e colecionadores que desejarem adquirir um exemplar NUMERADO da edição especial e uma Medalha Comemorativa do Ano Santo - 1975, com o mesmo número do livro (650\$00).

## RETIROS PARA SACERDOTES NO SANTUÁRIO DA FÁTIMA DURANTE O ANO DE 1976

<b>RETIROS ANUAIS</b>	2 de Agosto
	6 de Setembro
(CASA DE RETIROS «SENHORA DAS DORES»)	4 de Outubro
	8 de Novembro
	6 de Dezembro
<b>PARA SACERDOTES:</b>	As recolecções são sempre na primeira segunda-feira de cada mês. A de Novembro, por motivo da Festa de Todos-os-Santos, será na 2. <sup>a</sup> segunda-feira.
14 — 18 de Junho	LOCAL: Casa de Retiros «Senhora das Dores», excepto em Maio e Outubro, em que será na Casa de Retiros «Senhora do Carmo».
19 — 23 de Julho	Os sacerdotes que tenham de percorrer grandes distâncias podem chegar de véspera e regressar no dia seguinte, desde que haja acordo prévio com o Serviço de Retiros do Santuário.
20 — 24 de Setembro	
18 — 22 de Outubro	
25 — 29 de Outubro	
<b>PARA SEMINARISTAS TEÓLOGOS:</b>	
2 — 6 de Agosto	
Todos os retiros principiam com o jantar do primeiro dia e terminam com o almoço do último dia.	
Inscrições: <i>SERVIÇO DE RETIROS</i> — Telef. 049-97182/97407/97468 — <i>SANTUÁRIO DA FÁTIMA.</i>	
<b>RECOLECÇÕES MENSAIS PARA SACERDOTES</b>	<b>PROGRAMA DAS RECOLECÇÕES MENSAIS</b>
5 de Janeiro	10.30 — Meditação, exposição do SS. Sacramento, reflexão pessoal e confissões.
2 de Fevereiro	12.30 — Meditação e reflexão pessoal.
1 de Março	13.15 — Bênção do Santíssimo.
5 de Abril	13.30 — Almoço.
3 de Maio	15 — Conferência doutrinal ou pastoral, seguida de diálogo.
7 de Junho	17 — Encerramento.
5 de Julho	

## A IGREJA EM NOTÍCIA

### ● CENTRO CATÓLICO DE COMUNICAÇÕES SOCIAIS

A Conferência Episcopal da Índia, na sua reunião de Janeiro do ano passado, havia decidido a criação dum Centro Católico de Comunicações Sociais. Este Centro está já em construção e disporá de estúdios de rádio e televisão e residência para 50 estudantes. A sua localização é na cidade de Pona, que, por sua vez, já conta uma universidade católica, o Pontifício Ateneu.

Além do estudo e preparação das pessoas que vão dedicar a sua actividade à pastoral das comunicações sociais, o Centro Católico terá uma franca colaboração com a Televisão estatal na investigação, formação e produção no sector dos programas educativos.

### ● A LEGALIZAÇÃO DO ABORTO NA FRANÇA

Tendo aparecido no Boletim oficial, no dia 18 de Janeiro, a lei sobre o aborto, logo, no dia seguinte, o Cardeal Marty, arcebispo de Paris, afirmava na Televisão francesa, no programa «O dia do Senhor»: «Tínhamos direito a esperar uma lei de protecção à maternidade, que permitisse a toda a mulher conservar o seu filho. Entretanto, vemos-nos frente a uma lei de liberalização do aborto...»

O aborto é objectivamente um mal. Mesmo legalizado, continua a ser um atentado radical à vida humana, uma obra de morte. Nenhum artifício de linguagem, nenhum texto legislativo podem esconder esta terrível realidade.»

Depois de focar o pretensão argumento daqueles que afirmam que a lei terá uma função de dissuadir as pessoas de praticarem o aborto, o que é muito duvidoso, acrescenta: «Não se abriu a porta a um vigoroso esforço de solidariedade; actualmente, não está em actuação nenhuma verdadeira política familiar. Não se criaram as condições que poderiam alimentar a esperança de que o flagelo dos abortos clandestinos será eficazmente combatido... É a promoção da mulher e a vida do filho que estão em causa.»

É muito mais fácil resolver o problema com uma lei que apenas atinge os outros, que já são possíveis vítimas, do que enfrentá-lo com justiça delineando, programando e realizando uma verdadeira política de serviço e apoio familiar.

# Solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus

**H**Á poucos anos, dignou-se a Santa Igreja, com a sua providencial e oportuníssima visão, enaltecer, mais uma vez, a Nossa Senhora, destinando o dia 1 de Janeiro, oitava do Natal, para a SOLENIDADE DE SANTA MARIA, MÃE DE DEUS. Foi, de facto, uma feliz decisão. Nossa Senhora está tão intimamente ligada ao problema da paz entre os homens que esta solenidade litúrgica fica bem enquadrada no Dia Mundial da Paz. Ela que tanto deseja que a paz reine entre os seus filhos, há-de, com certeza, encher-se de júbilo, não tanto pela honra que a Santa Igreja lhe proporciona,

que Ela na sua humildade de escrava do Senhor dispensaria, mas à oportunidade de estar mais perto dos homens e de lhes lembrar a real necessidade de viverem em paz. Não é Ela a Rainha da Paz?

Certamente que esta nova Solenidade em nada alterará a estima que Maria ou os homens fazem da paz. Ela apenas nos recorda o dever de a criar, amar e implorar a Santa Maria, Mãe de Deus, que, por sua vez, será constrangida a ouvir-nos. Os seus ouvidos de Mãe bondosa estão sempre atentos e prontos para ouvir as nossas pobres súplicas, desde que lhes dirigamos com humildade e confiança. Que resposta ouviria Ela, ou daria, a cada homem ou mulher, se lhe fosse dado fazer ouvir a sua voz, individualmente?

Na mensagem de Nossa Senhora aos pastinhos da Fátima está incluído o magno problema da paz, segundo as palavras ditas ao longo das aparições e ao desenrolar posterior dos acontecimentos. Cerca dum ano antes das aparições, já o Anjo dissera aos videntes: «Não temais. Sou o Anjo da Paz». E, logo na primeira aparição, em Maio, acrescentou a Virgem: «Rezai o terço todos os dias para alcançar a paz e o fim da guerra». Na terceira aparição, em Julho, voltou a lembrar o mesmo assunto, pedindo: «Quero que voltem aqui no dia 13 do mês que vem, que continuem a rezar o terço todos os dias em honra de Nossa Senhora do Rosário para obter a paz do mundo e o fim da guerra, porque só Ela lhes poderá valer». E na quarta aparição, em 19 de Agosto, nos Valinhos: «Em Outubro farei um milagre para que todos creiam nas minhas aparições. Virá S. José com o Menino Jesus para dar a paz ao mundo».

Temos que implorar com redobrado fervor e confiança, hoje e sempre, a protecção de Santa Maria, Mãe de Deus, para que Ela faça valer este seu novo motivo de glória e, por intermédio do Seu Filho, aumente e consolide a paz entre as nações, entre as famílias e entre todos os homens. Se a Santa Igreja destinou este dia para o Povo de Deus lembrar Maria, sem qualquer designação especial, podemos imagi-

nar que teria em vista aliar a sua valiosa protecção ao Dia Mundial da Paz. Antes de Nossa Senhora, quem mais trabalhou e se preocupou em divulgar o dom da paz entre os homens, do que Jesus Cristo? Ele o manifestou ao longo da sua estada aqui na terra, mais do que por palavras, com obras e o exemplo. E depois da Ressurreição, no seu primeiro encontro com os apóstolos, no Cenáculo, era a paz entre todos que O preocupava, tranquilizando-os com aquela saudação: «A paz esteja convosco!» E noutra ocasião, durante a Sua vida apostólica: «Deixo-vos a paz, a minha paz vou dou. Não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turve o vosso coração nem se atemorize» (Jo. 14,27). Ele quer, além da paz exterior, a paz nas almas, a maior riqueza que os homens podem ambicionar aqui na terra, e depois, como consequência lógica, a paz das armas. Paulo VI disse: «Não mais a guerra! Não mais a morte!» E o apóstolo João escreveu: «Quem odeia está morto». (I Jo. 3,14)

Saibamos apreciar e amar a paz, aquela paz que Paulo VI tão insistentemente proclama, mas não sigamos as pegadas daqueles que se intitulam «amantes da paz» em reuniões, conselhos e congressos internacionais, enquanto o seu objectivo, largamente provado pelos factos, é unicamente a guerra e, por conseguinte, a morte da paz.

Nós queremos a paz de Cristo, paz leal e sincera em que todos possam viver, lado a lado, se amem, se entendam, se desculpem e perdoem mutuamente. Só onde houver essa paz haverá amizade, união, harmonia, trabalho rendoso, alegria, e sono tranquilo. A falsa paz que alguns homens pretendem criar na guerra, em ódios, desavenças e más vontades, não poderá trazer esses predicados. Só a paz cristã os pode dar.

Paulo VI, sempre tão preocupado com o grave problema da paz no mundo, voltou a falar sobre ela, e, neste Dia Mundial da Paz, a respeito das verdadeiras armas da paz.

Quais serão as armas da paz? Quem as não conhece?

J. P.

## Instantâneos

(Continuação da primeira página)

**Segunda ideia-chave: O POVO, MESMO O NÃO-COMUNISTA, APOIA A IGUALDADE SOCIAL ESTABELECIDADA.** Nem todos da mesma maneira, mas todos com acentos significativos. Vários sacerdotes me convidaram a distinguir o comunismo do socialismo para afirmarem que o primeiro é mau e o segundo é bom. Um deles classificou mesmo as soluções sociais do país, no seu conjunto, de «muito boas», enquanto um outro rectificava para «bastante boas». Concretamente ouvi manifestações de aprovação e regozijo por se ter acabado com as grandes fortunas, os monopólios, as grandes diferenças. É evidente que num tal sistema se produz muito menos, mas estranhei que os meus interlocutores fossem pouco sensíveis a este argumento da quebra de produção. Pelo menos em teoria; na prática manifestam descontentamentos que podem ter origem na estagnação de todos os meios de produção, como, por exemplo, a aflitiva falta de carne (e de papel higiénico) na Polónia.

A terceira convicção foi que a ditadura é uma realidade, realidade muito pesada, nestes regimes. Não há partidos políticos, não há possibilidade absolutamente nenhuma de as pessoas exprimirem as suas ideias desde que diferentes das do Partido único; portanto, não há eleições dignas desse nome, já que as pessoas só são livres em apoiar ou não apoiar, mas não podem eleger, ou seja, escolher. Os jornais, a rádio e a televisão, que são os grandes campos de manifestação dos cidadãos, são propriedade do Estado. As polícias políticas, ajudadas pela VIGILÂNCIA POPULAR) quer dizer dos ferrenhos do Partido) estabelecem um regime de terror ao qual sucumbem várias gerações. E as igrejas, que costumam ser nas ditaduras um espaço privilegiado de liberdade, são controladas como agentes do imperialismo estrangeiro. Uma ditadura fêrea — apesar de os polacos se considerarem os americanos do Leste. Ainda não acredito bem na tradução que um amigo me fez de uma grande pancarta que propagandeava o Partido Comunista num desses países: «O Partido pensa por si. O Partido é a consciência dos trabalhadores». Ora quem pensa por mim, também manda por mim. E também é capaz de pensar contra mim. A partir daqui não custa nada a admitir as barbaridades de Estaline e nem os privilégios que os membros do Partido (cabeças do povo) pouco a pouco se vão atribuindo. Os instantâneos do próximo número explicarão melhor.

P. LUCIANO GUERRA

## Deregrinação de Dezembro

Teve a presença de numerosos peregrinos a peregrinação em honra de Nossa Senhora da Fátima no mês de Dezembro. Aos actos presidiu o sr. Bispo de Leiria, D. Alberto Cosme do Amaral.

Na véspera, à noite, houve oração eucarística com meditações adequadas ao Advento, feitas pelo P. Elias Ferreira da Costa, Pároco de Carnide (Pombal).

No dia 13, às 10 h, a imagem de Nossa Senhora foi conduzida em procissão para a Basilica. A seguir, o sr. Bispo de Leiria presidiu à concelebração eucarística em que participaram o sr. D. João Pereira Venâncio, bispo resignatário, o reitor do Santuário, o Postulador das Causas da Beatificação dos videntes Jacinta e Francisco e outros sacerdotes. Os doentes assistiram à concelebração ajudados pelos membros da Pia União dos Servitas.

Depois das leituras, o P. Elias Ferreira da Costa falou aos peregrinos para lhes recordar as revelações de Nossa Senhora à Lúcia, no convento das Irmãs Doroteias, em Pontevedra (Espanha), como complemento das revelações feitas na aparição de 13 de Junho de 1917, na Fátima. Estas revelações do dia 10 de Dezembro de 1925 (na ocorrência deste cinquentenário fizeram-se diversas solenidades em Pontevedra, por iniciativa do Exército Azul, com a presença do sr. Bispo de Leiria), marcaram o início da divulgação da devoção dos cinco primeiros sábados de cada mês, em reparação dos pecados contra o Imaculado Coração de Maria. Foi feito um apelo aos peregrinos para que se promova a realização desta grande devoção, em todas as famílias, paróquias, dioceses, como cumprimento da Mensagem da Fátima — a salvação da humanidade, através da conversão e reparação.

Comungaram muitos peregrinos e, no fim da concelebração, o sr. Bispo resignatário deu a bênção do Santíssimo Sacramento aos enfermos.

O sr. Bispo de Leiria, antes da procissão de regresso à capelinha, dirigindo-se aos peregrinos, rezou com eles o «Angelus» e deu-lhes conta da sua presença nas comemorações de Pontevedra, renovando o apelo feito na homilia para que todos os cristãos e peregrinos se comprometam a pôr em prática a devoção dos cinco primeiros sábados, como forma de se obter o triunfo do Imaculado Coração de Maria.